

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE FEVEREIRO DE 1917

ANO I—N.º 16

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO AVANÇADO
ANO 1200 BRAZIL
SEMESTRE . . . 600 ANO 72000
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABRGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

NAVEGAÇÃO PARA A AMERICA DO NORTE

EM nenhuma outra epocha teve, como agora, este assumpto melhor oportunidade, nem em tempo algum nos custou mais a tratar. Pois n'um paiz em que se vive a braços com os transportes marítimos, um ministro diz no parlamento, que tinha posto de parte — como coisa de pouca monta, certamente — a navegação para o Brazil, que já estava adjudicada a uma empresa portugueza, dá vontade de nunca mais bulir em taes assumptos.

Para quê? Se o governo se não interessa para que havemos nós de estar a preocupar-nos com platonismos.

E descendemos nós de uma raça de navegadores!

Estava naturalmente indicado, uma vez proclamada a guerra europeia, que tratássemos de fazer transportes sob a nossa bandeira, para toda a parte, começando pelo Brazil, indo depois á America do Norte, á India e ao Japão, e fazer por fim um grande reforço ás carreiras africanas, para substituir a bandeira alemã.

E o que se fez? Nada.

A navegação para o Brazil, foi, como já dissémos, posta de parte, para a India e America do Norte, ainda se não pensou, e o reforço para as carreiras d'África, é preciso que o commercio venha suplicar ao governo, com a corda na garganta, que lhe transporte nos barcos immobilizados no Tejo, os productos africanos, a apodrecer nos caes de embarque. E o governo passa o tempo em conferencias e nada resolvido.

Já lá vai um ano que requisitámos os navios alemães, com o pretexto das subsistencias, e até agora nada se fez em prol de as resolver, passando o tempo os governantes d'este paiz, a tratar de questões de mera laracha, e só quando as cidades de Lisboa e Porto estão ameaçadas de ficar ás escuras, e quando a falta de cereaes ameaça matar-nos á fome, e os comboios são reduzidos ao minimo é que ele põe as mãos na cabeça e declara que os poucos barcos que ainda nos restam, vai empregar no trans-

porte de carvão e de trigo, que sabe Deus se eles virão a tempo de remediar tão grandes faltas.

Já aqui falamos da navegação para o Brazil, para o Oriente, ocupar-nos-hemos hoje, embora ligeiramente, da carreira para a America do Norte, que como aquelas se torna de absoluta necessidade para o desenvolvimento do commercio e do turismo nacional. Uma linha directa, mensal que fosse, de Lisboa a Nova York com escala pelos Açores viria dar um grande impulso ás nossas relações com a grande republica americana.

Se não veja-se, a zona mais livre dos ataques de submarinos é a da nossa costa, até mesmo antes do fumoso bloqueio alemão, e se tivéssemos uma carreira regular de Lisboa á America; vapores que embora não fossem nenhuns *Lusitanias*, que possessem transportar passageiros em razoaveis condições de conforto, n'esta epocha de beligerancia, se pôde dizer mundial, seria o nosso porto o preferido para os transportes directos, da Europa para a America do Norte.

A' nossa linha seguir-se-hiam outras, e quando a paz viesse pôr fim á terrivel contenda, o nosso paiz teria uma apreciavel corrente de turistas americanos.

E' certo que existe uma linha de navegação francesa, a Fabre, de Marselha, mas ella é presentemente muito irregular; e convindo-lhe só fazer o trafego entre a França e a America, pouca propaganda deve ter feito do nosso paiz.

E o commercio e a industria nacionaes que consideravel melhoria viriam a ter com uma linha directa, que lhe levasse os pro-



ALGARVE—MONCHIQUE
"A TERRA PORTUGUEZA" (Vide artigo a pag. 126)

ductos para a America do Norte, e trouxesse de lá as manufacturas americanas?

Toda a gente o sabe, menos aqueles que tinham o dever restricto de tractar estes assumptos.

Melhor andou a Hespanha, que vendo a impossibilidade de fazer, como era seu desejo, uma carreira com vapores de 22.000 toneladas, governou-se com a prata da casa, pondo uma linha de vapores modestos, entre Vigo e Nova York, que tem levado para a America carga, a abarrotar, com o que muito tem lucrado o commercio e a industria hespanhola.

Não querendo, nem ao de leve, entrar no assumpto da cedencia dos navios á nossa aliada, por serem questões diplomaticas, que não estão na nossa alçada discutil-as, causou-nos a maior estranheza, que fossem cedidos á Inglaterra optimos navios de passageiros, como sejam o *Traz-os-Montes*, o *Porto*, o *Lourenço Marques*, o *Inhambane*, o *Madeira*, o *Porto Santo* e o *S. Vicente*, 7 vapores, com que podiamos fazer carreiras regulares, e mensaes para o Norte e Sul do Brazil, e para Nova York.

Ao que nos consta, dos 72 navios, deviam ficar cá 22, mais que o sufficiente para as nossas necessidades, pois, na nossa opinião aqueles 7 vapores e mais uns 8 de pequena tonelagem satisfariam amplamente as nossas necessidades.

Perdemos, e não haja duvida alguma, a melhor occasião de nos libertarmos da navegação estrangeira, mórmente da alemã, que mais mal nos fazia, e se agora mesmo que tarde, alguma coisa fizessemos, seria dar um bom passo em prol do commercio e do turismo nacional.

GUERRA MAIO

FEIRA DE LYON

SEGUNDO um aviso que foi publicado no «Diário do Governo», a Comissão promotora da Feira de Lyon constituiu um *consortium* com as principaes casas d'aquella cidade, para todas as formalidades necessarias á recepção nos caes das estações de caminhos de ferro, das amostras destinadas a esta importante feira e sua colocação nos respectivos «Stands».

Em vista d'esse accordo, as remessas devem ser feitas em grande velocidade, tendo bem visiveis rotulos das côres francezas, com o distico: «Feira de Lyon».

Todos os caminhos de ferro em França concedem a devolução gratuita dos productos que figurarem n'essa exposição, até um mez depois do seu encerramento.

OS POSTOS DE INFORMAÇÕES

EM todos os paizes que exploram a industria do turismo se procura, sobretudo, evitar contrariedades e perdas de tempo a quem viaja. Para isso, empregam-se todos os meios, recorre-se a todos os processos de atração e de seducção. Sobre o turista despejam-se verdadeiras torrentes de esclarecimentos. Diz-se-lhes tudo o que elle quer saber, o que elle precisa de saber, indicando-se-lhe quanto merece as suas atensões e apontando-se-lhe enfim a melhor forma de gastar o seu dinheiro. Ha guias para toda a parte; ha prospectos os mais variados e curiosos; ha itinerarios feitos conscienciosamente, sem se perder de vista a falta de tempo, que é preciso economisar, tanto pelo menos como o ouro; e ha, acima de tudo ao serviço do viajante que gosta de divertir-se ou de instruir-se, um numero consideravel de individuos que não cuidam de mais nada que não seja facilitar-lhes a viagem. Assim procedem os paizes para quem a industria do turismo representa, em cada anno, alguns milhares de contos e é um factor importantissimo de prosperidade.

E é justo que seja assim. Quanto mais facilidades os paizes que tem que vêr e merecem ser vistos darem a quem os visite, mais augmentará a corrente d'aquelles que os percorrem em todos os sentidos. Não se cuida, porém, que d'essa propaganda admiravel e vastissima se occupa apenas o Estado. Não. Todos colaboram n'ella. Todos a auxiliam, todos a pertilham, todos contribuem para que a sua terra seja atrahente e se desvende por completo aquelles que a visitem. Podiamos citar, para ver até onde ia antes da guerra em certos paizes a furia do reclame turista, factos variados e numerosissimos. Basta, porém, para a these que tenho em vista, apontar o facto, para que d'elle, quem se interessar por esta terra, tire as consequencias que lhe parecerem mais justas.

Em Portugal ter-se-ha, por acaso, seguido criterio igual ao lá de fóra? Os portuguezes, por ventura, terão feito tudo quanto podiam para que o seu Paiz enfileirasse ao lado d'aquelles que mais visitados são pela imensa multidão que viaja, e que vae aonde quer que haja que vêr e admirar, desde que saibam atrahir? Não. Todos sabem; e seria inutil repetir-o, se não se tornasse necessario, n'este instante, recordal-o. Os serviços de informação para os turistas que veem ao nosso paiz, quasi não existem. E como creal-o? Fundando os postos de infor-

mações, os «bureaux de renseignements», que tão bons serviços prestam e que, entre nós, deviam concorrer poderosamente para alterar por completo tudo quanto, em materia de informações se faz.

E creados esses organismos, n'elles se deviam concentrar todos os elementos de propaganda considerados de valor, competindo ás camaras municipaes, hoteis e praias, industrias, commercio, etc., enviar-lhes tudo o que podessem fornecer-lhes, como esclarecimento util; todos os seus cartazes, todos os seus prospectos, guias e monografias, quando as houvesse, etc.

As vantagens d'esta centralisação são evidentes, e ella seria tanto mais abundante fosse o numero das informações prestadas e das publicações, para serem distribuidas, que se recebessem. Será, porventura, difficil conseguir que, quantos em Portugal tem interesse em que o numero de turistas augmente de anno para anno, se convençam da utilidade do alvitre apresentado?

Uma vez creados os postos de informação, o que deve fazer-se sem demora, ainda que appareça quem queira contrariar a sua fundação por virtude d'um criterio burocratico estreitissimo que, como Clemenceau disse ha pouco, pode levar a verdadeiros absurdos prejudiciaes á patria, é garantir-lhes um funcionamento util e regular, de maneira a tirar-se d'elles o maior proveito. Nos postos da fronteira, por exemplo, tem de haver uma secção destinada a receber e entregar telegrammas aos passageiros, para se lhes poupar tempo e de lhes fazer chegar ás mãos, com rapidez, noticias que podem ter para elles, senão importancia excessiva, pelo menos um interesse que só será bem avaliado para quem alguma vez haja viajado em terra estranha e distante.

Portugal tem de apetrechar-se para, terminada a guerra, tomar ao lado das outras nações o logar que de direito lhe pertence. Por isso, tem de montar a sua industria do turismo, de maneira a fazer-se procurar por quantos, gostando de viajar, não escolhem sempre os paizes com mais attractivos naturaes, por preferirem os outros, aquelles onde o homem, auxiliando a natureza, trata o viajante com requintes de dedicacão e de carinho, para tirar d'elle o maior lucro possivel...

Fevereiro 1917.

PADUA FRANCO

NOTAS DE VIAGENS... ALEGRES

HA muita gente cá na terra, que, devendo ter começado por viajar cá dentro, tem a preocupação de viajar lá fora, e já foram a Paris, antes mesmo de terem ido a Palmella!

Viajar é para eles o supremo chic. Viajar Séca e Meca, ver tudo, correr este mundo e o outro; só para dizer que estiveram lá, voltando convencidos de que se divertiram muito e já conhecem muito.

É vulgaríssimo ouvir dizer:

— Eu e minha mulher vamos fazer uma viagemista de tres mezes a Hespanha, França, Suíça, Italia, Austria, Alemanha, Russia e Noruega...

E cuidam que vão ver tudo, conhecer tudo. E o que é mais comovedor é que voltam convencidos!

Estafados, magros, depenados—mas convencidos!

Viajar! Doce ideal de tanta gente!

Vê terras, vê raças, instrui-se!

Oh! a Civilização!

Como ela chegou ao ponto de nos permitir que em tres mezes passem sob os nossos olhos maravilhados as nações mais diversas, os mais opostos costumes—a Hespanha, as castanholas, as nevras da Russia, a Cleó de Merode, o Santos Dumont, o monoculo do sr. Chamberlain, os ursos dos polos, a roleta de Monte-Carlo, um sujeito que ainda quer ser presidente das republicas da America; um discurso do sr. Combes, o Monte-Branco, uma ceia de cocôtes!...

Ceus! Quem nos havia de dizer—Perdão!—quem havia de dizer isto aos nossos avós? E depois, com que velocidades, com que comodidades se viaja—em theoria!... Quando se é rico e se viaja em comboios de luxo, tem-se uma cama, com roupa lavada quasi sempre, em uma cabine onde viajam mais tres cavalheiros, inclusive um que vac constipado, e que nos pede com toda a amabilidade—dá licença?—para fechar tudo, portas, frestas, vidraças, e tornar o ar irrespiravel durante a noute!...

O que vale é que não se dorme, porque o sujeito constipado tossa, o outro resona e o terceiro protesta em voz alta...

Assim dispostas as cousas, mal o sol aponta, salta-se da cama, sem se perceber como é que apesar da roupa lavada, a cara, as mãos e a alma ficaram sujas de pó de carvão. Suponhamos que é de carvão.

Felizmente o comboio é de luxo.

Vê-se mesmo que é de luxo. Os outros não tem aqueles estremeções de bombordo a estibordo, que nos fazem bater com a cabeça, ora na parede da direita, ora na parede da esquerda, quando sahimos da cabine e vimos cá para fóra, á procura do lavabo e das outras comodidades proprias dos comboios de luxo.

No lavabo e nas outras comodidades está sempre gente. Paciência! Espera-se a vez.

Oh, mas como é bom poder dizer-se que se lavou a cara em cima de um monstro que corria com a velocidade de 80 kilometros á hora! Bemdito sejas o Progresso!

Entremos e lavemo-nos.

Abre-se a torneira. A agua corre a jorros, entra na bacia, dá uma volta rapida, o comboio dá um safanao, e zás! fica-se encharcado... Naturalmente foi por erro nosso—que o Progresso não erra.

Mas não ha meio. Quanto mais agua deitamos, mais se entorna. Apanhemos uma mão cheia d'ela, passemo-la pela cara, á maneira de gatos. Optimo! Agora um bo-

cadinho de sabonete. O sabonete?... Onde estará o sabonete?... É a toalha?... Onde estará a toalha?...

Ah! Eis ali o botão electrico! Carregue-mos e esperemos que venha o senhor empregado. Mas nos comboios de luxo o senhor empregado quasi nunca vem, porque a campainha quasi nunca toca. Entretanto enxuga-se a cara a um lenço. Olha-se para um espelho e fica-se com a certeza absoluta de que se está muito mais sujo do que antes...

—Deixal-o! Isto está por pouco.

Vamos até ao salão de leitura—outra comodidade dos comboios de luxo—onde ha apenas, para se ler, um reclamo ao *Odol*, unico desinfectante para a boca, um aviso pedindo aos srs. passageiros para não deitarem a cabeça de fóra das vidraças, uma tabela de cambios em que o franco custa um conto e quinhentos e a lista dos *Palace—Avenida Palace, Pera Palace, Riviera Palace*, o diabo *Palace!*

A um canto um inglez muito alto e uma ingleza muito feia leem o *Baedecker* com os pés cormes e entram-nos pela consciencia!

Finalmente! Uma *gare*.

Vamos a descr. *Tim...* primeira badalada.

Ao menos um jornal. O rapaz dos jornaes! O *Figaro*, dá cá o *Figaro!* Lá vem ele com o *Figaro!* *Tim!* segunda badalada.

—Toma lá um franco. Venha lá o troco.

Ele começa a fazer o troco, a toda a pressa.

Mas o troco para os comboios de luxo so acaba de fazer-se quando dá a terceira badalada, o comboio abala por ali fóra, e o rapaz dos jornaes, ou a rapariga dos pastes, ficam lá a fazerem-nos signaes desesperados, de pessoas que nos garantem estar tristissimas por causa de não terem podido dar-nos o nosso dinheiro, mas que o vão pôr de parte para quando a gente passar por lá outra vez...

Paciência! Começemos a ler o *Figaro*, E' o de ha oito dias. Já o tinhamos lido antes da partida, mas sempre é bom repetir.

—*Voulez-vous déjeuner?* cicia uma voz a nosso lado.

E' um senhor empregado que nos vem perguntar, de lapis e «bloc-notes» em punho, se queremos ou não almoçar no comboio, fingindo que temos o direito de almoçar em alguma *gare* com bufete, onde o comboio para 5 minutos.

Respondemos logo, amabilissimos:

—*Oui monsieur...*

—*A' 11 heures.*

—*Merci, monsieur*

A' 11 heures eis-nos no vagon-restaurante. Os solavancos revolveram-nos o estomago, sentimo-nos enjoados, o nosso desejo era tomar uma canja, mas isso seria ofender a Civilização, que nos prodigaliza os seus favores, a ponto de nos permitir que saboreemos um almocinho, pequenino mas pessimo, a 20 francos á hora, vinho não comprehendido!

Por isso é com o sorriso e o palito nos labios que voltamos á nossa cabine, onde os nossos tres companheiros de viagem dispuzeram dos logares d'eles e do nosso, e nos olham com ar tão aggressivo que dir-se-hia termos sido nós quem dispuzemos do nosso logar e dos d'eles...

Mas não desanimamos. Delicados, em bicos dos pés, arriscamos um:

—Com licença!

E, a um novo safanao do comboio, cahimos no colo de um d'eles, enquanto uma caixa de chapetus cae na cabeça do outro, e o terceiro nos manda para o diabo em voz baixa.

Emfim, chega-se!

Estamos na *gare!*

Oh, a *gare!* Que movimento, que novidade, que confusão!

Dedos a apontar para todos os lados! Gente a dar-nos encontros em todós os sentidos! Pessoas a quererem-nos roubar em todas as linguas! Um senhor empregado a empurar um carrinho de mão, que nos passa por cima dos pés ao mesmo tempo que ele diz:

—Licença!

Um *gallego* que nos leve uma das malas para a direita, outro que nos leva outra para a esquerda... E a saída? Todas as mãos dizem tudo menos *saída!*

Finalmente, saimos. O *Baedecker* aconselha-nos o *Grand-Hotel*. A' porta ha vinte omnibus, todos com o letreiro *Grand-Hotel*, mas nunca entramos para o verdadeiro e falta-nos sempre uma mala. A' manhá se manda buscar.

Atravessamos algumas ruas. Parecem-se todas umas com as outras e com o *Rocio* do lado da *Monaco*.

Chegámos ao *Grand-Hotel*. O porteiro recebe-nos como se tivesse andado comnosco ao colo. E' um homem *sympaticissimo*. Atrás d'ele vem o gerente, *Sympaticissimo*. Depois um creado, *Idem*. Uma criada. *Idem*. Não ha como os grandes centros para tornar toda a gente *sympaticissima*.

—Desejava-mos um quartinho que não fosse mau, arriscamos nós.

—No primeiro andar *n'est-ce pas?* Está claro! *Joseph!* Leva este cavalheiro para o 39.

Joseph sob comnosco no elevador e conduz-nos ao 39, que é sempre ao pé da escada, e onde não se pôde pregar olho, por causa do barulho do elevador, dos creados a arrastar malas, das creadas a bater com os vassoiras pelas paredes, e de um bebé, que mora no 38, e começa ás 5 da manhã a fingir que é um automovel!

A's 6 já estamos na rua. E' bom conhecer-se o aspecto matinal das cidades, embora os aspectos matinaes das cidades sejam sempre os mesmos, pouco mais ou menos, e os mercados se pareçam todos com o da praça da *Figueira*.

Almoça-se com apetite, num restaurante elegante. Um *hors-d'oeuvre*, um peixe, um bife, fructa, vinho, café...

—Rapaz, a conta!

Um conto e quinhentos. E seiscentos, se toma licôr.

Depois vamos vêr a cidade e tomamos um guia, muito convencidos de que as cidades não são todas a mesma cousa...

Vê-se em todas a *cathedral*. Vê-se a *bibliotheca*. Vê-se a camara municipal. Vê-se o monumento ao heroe. Vê-se a casa onde nasceu o heroe. Vê-se a cama onde morreu o heroe. Vê-se... vê-se... vê-se... Andase a galope, de lingua de fóra, atraz do guia, a vêr, a vêr, a ouvir, a ouvir!

Ha sempre *Napoleão I*:

—Aqui esteve hospedado *Napoleão I*, quando foi da retirada da *Russia!*

Ha sempre um martyr:

—Aqui foi gullhotinado o grande *Fulano* de *Tal dos Anzoes!*

Ha sempre conjurados:

—Aqui reuniram-se os conjurados na noute de 13 de maio de 1738!

Quando voltamos ao hotel, quasi sem folgo, ainda temos de escrever 118 bilhetes postaes, para 118 meninas lá da nossa terra, que fazem colleção e a quem devemos provas de amizade, união e recreio.

Janta-se á lufa-lufa.
E' preciso ir ao theatro, vêr a celebre gála, celebre auctor, representada pela celebre actriz. O que diriam lá na terra se voltássemos sem a ter visto! Credo! Enchente á canha. Peça de these. Uma grande maçada.

A meio do 2.º acto cabeceiamos com somno e já ouvimos as frases, ditas pelos artistas, como um zumbido que vem do palco e não consegue acordar-nos:

Por volta da meia noite, tendo casado o galã com a ingenua, e falecido o tyrano com strichnina, um porteiro acorda-nos e nós vamos ao restaurant característico da terra, ceiar coisas caracteristicas.

O restaurant característico está sempre cheio de fumo, irrespiravel, e as cousas caracteristicas são sempre muito peores que um bife, mas custam muito mais caras de que dois.

Retiramos para o hotel.
No dia seguinte, ás 7, o guia bate-nos á porta. A's 8 já vimos o jardim zoologico, ás 9 o aquario, ás 10 o muscu, ás 11 a universidade e ao meio dia calmos nos braços do guia, em estado comatoso!

Mas é preciso aproveitar a tarde para ir ver os arredores.

Os arredores!... Parecem-se sempre com a calçada de Carriche... montes... arvores... um rio... uma ponte... um panorama... o sitio onde se deu a batalha de 1332... o outro onde houve o celebre descarrilamento de 1854...

E acabou-se. Está tudo visto.
Bilhete postal para o Lopes:
«lá cá canta mais uma cidade!»
Exclamação do Lopes, ao receber o bilhete:

«Aquillo é que tem gosado!»
De madrugada temos de abalar para outro paiz.

O comboio passa sempre a horas impossivís — ás 2,15 da manhã, ou ás 3,15 ou ás 4,8...

Na vespera paga-se a conta do hotel, e tres dias de hospedagem: 60 francos. Extraordinarios: 350 francos e 75 centimos.

E gorgeta ao porteiro, e gorgeta á erçada, e gorgeta ao criado, e gorgeta ao Joseph, e gorgeta... e gorgeta!...

Estremunhados, partimos para a gare.
O comboio passa sempre cheio. Todos os passageiros dormem. Afinal um empregado descobre um lugar para nós:

— Aqui, aqui!

Entra-se aos baldos n'um compartimento ás escuras, por cima de pessoas de ambos os sexos, que nos recebem como se lhes fossemos cobrar a decima! A' força de pulso esgaravátamos um lugar. São tres horas da manhã. Faz um frio de rachar pedras. O comboio abala.

A dama que nos fica á esquerda é quasi sempre gordíssima e tão dada que desaba a cabeça em cima do nosso hombro e começa á resonar. A' nossa direita fica quasi sempre algum sujeito magro, com a barba por fazer e cheirando a iodoformio. Em frente de nós viajam sempre os pés enormes do inglez do Bacdecker; e ha ainda espalhados pelo compartimento: um hespanhol que se descalça, uma alemã com flatos, um italiano com cara de ladrao de carteiras, e outras miudezas internacionaes de desagradavel aspecto matutino...

O que vale é que devemos sair ás 6 e 38 na estação de... affim de tomar o comboio para... Conhecem a estação de...? Uma sala de espera com imensas correntes de ar, cheia de pessoas constipadas. Sabem o que é o comboio para...? Um comboio que passou 3 minutos antes de nós chegarmos, e que nos obriga a tomarmos outro,

de mercadorias, que passará 2 horas depois...

E ás fronteiras?
Chega-se sempre lá com a idea de que se vão ver pela primeira vez os guardas civilizados, servicinho civilizado. Aquillo por lá não são os guardas barreiras cá da terra. Isso sim!

Aquillo por lá e... Ora oigan:
— Traz contrabando?
— Não senhor.

— Então abra lá a mala.
Abrimos a mala. O guarda civilizado mergulha as mãos, do tamanho de pés, deuto do nosso rico arranginho, que nos custou tanto a arrumar, e depois de buscar, rebuscar e revolver tudo muito bem, saca triumphante um masso de cigarros *Lucrivos* de meio tostão doze, pelo qual temos de pagar 30 francos, fóra o selo...

Paciencia, paciencia! E' preciso sofrer em nome do Progresso. Jesus tambem soffreu, e mais ainda não havia alfandegas, nem raios X, nem Ibsen, nem comboios de Juho!...

ESTAÇÃO THERMAL DE CASAES

HOTEL-CASA DE SAUDE

MUITOS dos nossos leitores da capital, por certo ignoram onde está situada a Estação Thermal de Casaes, apesar de ser apenas a uns quinze kilometros de Lisboa, proximo de Caneças.

E' que a facilidade de transportes para aquele lindo vale, é um problema ainda por resolver, e ao passo que se vae com a maior facilidade a Cascaes e Cintra, pontos muito mais distantes, para Caneças e Casaes terá de se alugar carro proprio para o trajecto.

Pois, merece bem o gasto de tempo e dinheiro, em ir dar um passeio até áquella linda estancia, cheia de encantos, rodeada de montanhas, de onde se disfruta um dos mais maravilhosos panoramas que nos tem sido dado observar.

E' ali que existe uma preciosa nascente, que é uma das mais ricas que a hidrologia do paiz registra.

A agua de Casaes, ainda ha, relativamente, pouco tempo, lançada no mercado, fez rapi-

E' preciso ver, correr mundo, instruir-se uma pessoa, para voltar a patria recheada de civilização, conhecendo o mundo como os seus dedos, e estando habilitada a responder aos amigos que perguntem:

- Você conhece a Russia?
- Se conheço!
- Você já esteve na China?
- Quantas vezes!
- Você já foi ao Egypto?
- Nem se pergunta!

Oh! Como é chic viajar!

ANTONIO BANDEIRA

Na *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, encontramos, este interessante artigo, com que ela ha anos mimoseou os seus leitores, n'um numero que sahira em dia de carnaval, e pelo mesmo motivo aqui o transcrevemos, n'esta quadra carnavalesca... sem carnaval.

damente a sua carreira, porque o que é de incontestavel valor impõe-se sem precisar réclames ou favores.

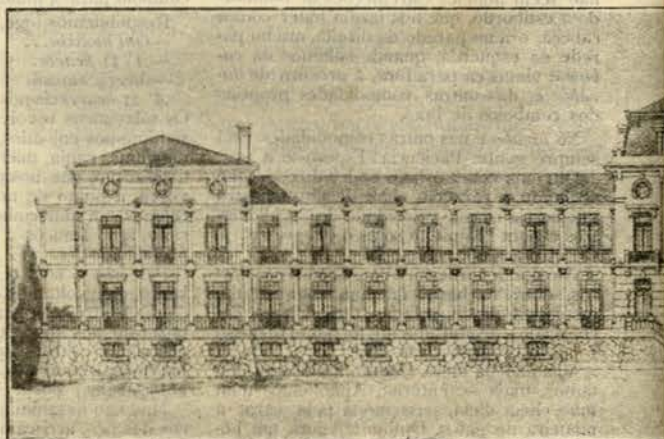
Parece que estamos a fazer um

d'esses réclames, mas, não é assim. E, comtudo, seria um acto de gratidão, porque a essa agua devemos o restabelecimento da nossa saude, que durante bastante tempo andou muito avariada.

Analizada a agua de Casaes pelo sr. Giovanni Constanzo, declarou o illustre professor, *que a considerava uma agua medicinal, com propriedades sem eguaes, possuindo ferro no estado coloidal, que lhe dá o caracter do mais energico de todos os tonicos conhecidos.*

As inumeras applicações medicas já realisadas, confirmam as conclusões do distincto chimico.

Se nos referimos mais demoradamente ás qualidades da agua de Casaes, é para justificar a erecção do projectado e grandioso edificio de que publicamos a fachada principal.



HOTEL-CASA DE SAUDE
FACHADA PRINCIPAL

Um Hotel, com caracter de Casa de Saude, todo conforto, toda hygiene mas, simultaneamente, de aspecto atrahente e á altura da importancia medicinal das aguas que lhe deram origem, impunha-se.

Assim o comprehendeu a sabia iniciativa da Empreza das Aguas de Casaes, mandando proceder ao estudo do edificio cuja gravura publicamos e cujo projecto foi confiado ao distincto architecto, sr. Antonio Rodrigues da Silva Junior.

Não é preciso encomiar o auctor do projecto. O leitor vê bem a elegancia das linhas.

O edificio deve medir cerca de 80 metros de frente e compõe-se de caves e dois andares.

O corpo central, que domina o edificio, contém um grande hall, do qual partem os corredores dos corpos lateraes e a comunicação para a parte posterior, onde fica o balneario, com banhos simples, hydroelectricos, gabinete de massagem, electrotherapia e radiographia, e sala de operações.

No pavimento nobre, um dos corpos lateraes possui as instalações geraes indispensaveis a um estabelecimento d'esta ordem: Sala de jantar, salão, sala de musica, sala de espera, gabinete da direcção, administração, barbearia, W. C., urinoes e escadas de serviço.

Junto do espaçoso hall, onde a luz natural é fornecida por uma claraboia envidraçada, sustida nas quadraturas de quatro columnas de marmore, ficam: saleta, consultorio medico, bengaleiro, pharmacia e laboratorio, elevador e escada principal.

O outro corpo lateral é occupado pelos quartos, todos com lavatorios, pequenas ante-camaras de entrada e avantajada cubagem.

O primeiro andar é todo prehendido por quartos e nas caves ficam as cosinhas, quartos de creados, fri-

gorificos, engomadaria, adegas, depositos, etc.

Uma galeria sustida por columnas, circunda em volta o edificio, que assim fica abrigada dos raios solares e com um logradouro para recreio e repouso dos hospedes.

O corpo central domina o edificio com a ampla entrada em dois grupos de columnas, tudo rematado por um grande arco de volta inteira.

Eis o que se nos oferece dizer em vista da planta e memoria descriptiva que nos foi dado examinar, terminando por fazer votos que em breve vejamos elevar-se no nosso paiz mais uma bela obra que lhe dará honra, sendo ao mesmo tempo de grande utilidade.

Iniciativas como as da Empreza das Aguas de Casaes, concorrem para o augmento do Turismo em Portugal e por isso devem ser incentivadas e encourajadas por todos os meios pelos que, pelo nosso paiz teem o culto do carinho da terra que lhes foi berço.

N. C.

Exposições d'arte

ESTÁ nos nossos propositos dedicarmos desenvolvidas apreciações e noticias descriptivas dos diversos certamens d'arte que se realizem no nosso Paiz, pois julgamos ser esse um dos assumptos que mais prendem a atença dos turistas, alem do valor moral que representam e dos beneficos resultados que podem produzir.

O nosso concurso para a expansão d'essas obras será modesto, mas empregamo-lo-hemos de forma a contribuir para o desenvolvimento do gosto pelas artes, do carinho pelos artistas e da educação do espirito portuguez, procurando enlaçar esses tres factores na obra commum do engrandecimento patrio.

Não podemos, porem, no presente momento, satisfazer o nosso desejo; limitando-nos, por isso, a registar as exposições que se acham presentemente patentes.

NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

O eximio pintor brasileiro, sr. Navarro da Costa, acaba de instalar,

na Sociedade Nacional de Bellas Artes, uma exposição dos seus ultimos quadros a oleo e a pastel.

Artista de invulgar talento, em que o sentimento se casa delicadamente com a poesia, é o sr. Navarro da Costa, que, pela primeira vez, n'aquella Sociedade, expõe os seus trabalhos, entre as quaes se distinguem telas de merecido valôr.

Muito folgamos em poder annunciar mais este certamen, que constitue um motivo de regozijo e de apreço para o nosso meio intellectual e artistico; fazendo todavia não nos ser possível fazer uma larga descripção dos quadros expostos.

NO THEATRO DE S. CARLOS

O nosso collega «Alma Nova», acaba de promover a inauguração, na sala nobre do Theatro de S. Carlos, d'uma muito interessante exposição de arte, na qual figuram primos trabalhos de pintura a oleo, a pastel e aguarelhas, bem como em outros escultura e desenhos originaes de artistas de muito merito e largo futuro.

Se tivermos ainda ensejo, no proximo numero faremos especial referencia a este certamen, onde se encontram productos de aturados estudos e manifestações sensabilissimas de delicada inspiração.

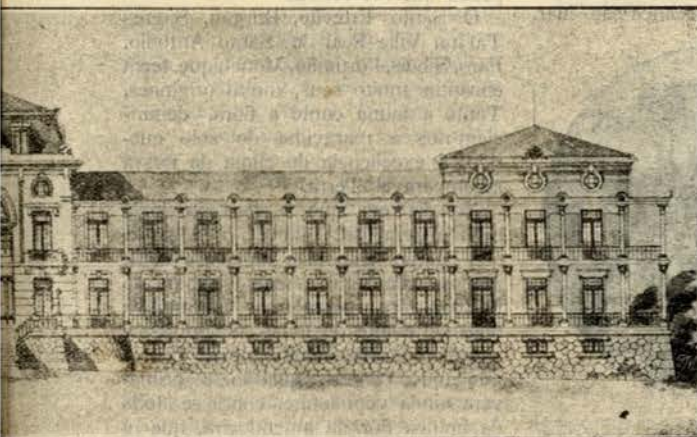
NA PHOTOGRAPHIA BOBONE

No amplo salão da photographia Bobone, á Rua Serpa Pinto, acha-se em exposição uma série de quadros a oleo do pintor José Leite, e alguns trabalhos do professor Carlos Reis.

São desnecessarios quaesquer encomios aos nomes laureados dos dois insignes artistas, sobejamente conhecidos no mundo das artes, para que os exaltemos n'esta simples noticia bastando, simplesmente, salientar que quasi todas as obras expostas são de valor incontestavel, quer pela sua originalidade, ou seja pelo seu estudo, ou ainda, pelo sentimento que as dictou.

O Pelourinho de Extremoz

DEVIDO á persistente propaganda do nosso collega «O Ecco de Extremoz», acaba de construir-se n'esta importante e poetica vila do Alemtejo, o Pelourinho destinado a perpetuar o padrão historico das regalias que eram antigamente usufruidas pelos seus naturaes.



"A Terra Portuguesa,"

(Conclusão do n.º 15, pág. 116)



SILVES—CRUZEIRO DE PORTUGAL.

A patriótica conferencia que o illustre redactor de «A Capital» e nosso distincto collega, Adelino Mendes, realisou ultimamente na Sociedade Propaganda de Portugal, causou em todo o Paiz a mais profunda emoção.

Era de esperar o exito brilhante que ella obteve, não só pela escolha do empolgante thema sobre que o conferente dissertou com extraordinario sentimento, mas ainda, pelo vivo colorido da sua palavray, onde as tonalidades da sua voz pozeram fulgurações d'uma completa realidade. Completamos a seguir, essa notavel oração, de que fizemos largo relato em o nosso numero anterior.

Proseguiu o conferente:

O CONTRASTE

ENTRE A PAIZAGEM ALEMTEJANA E A ALGARVIA

A Extremadura e o Alentejo com os seus typos, os seus costumes e as suas paizagens, passam pelos nossos olhos como um «film» colorido.

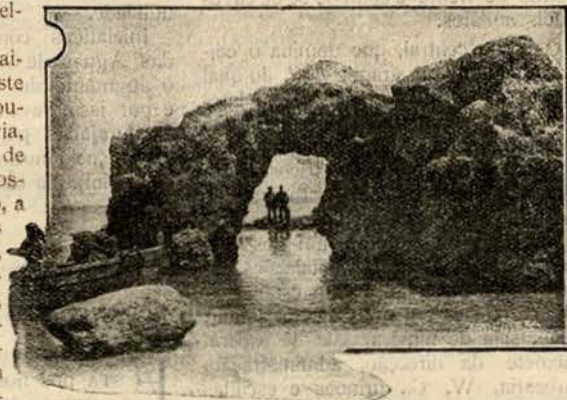
«Do Alentejo para o Algarve, a transição faz-se bruscamente. — Para o norte, a charneca arida, inculta, atapetada de matos altos, coberta de estevas

seculares. Ao meio a Serra de Ode-mira, pouco elevada, alastra-se em diagonal, indo morrer d'um lado em Monchique e perdendo-se para o outro em sombra e em brumas nas bandas de Faro. Para o sul, a terra vermelha toda cultivada; as fazendas pequeninas, resguardadas por paredes baixas; a figueira, a oliveira, a amendoeira e a alfarrobeira crescendo em toda a parte, como arvores abençoadas, de cujas ramarias tombam a felicidade, a sombra, a belleza e a riqueza.

O contraste entre a paizagem alentejana, triste e calcinada, e essa outra paizagem algarvia, que não tem nada de imponente, mas que possui, em compensação, a delicadeza timida dos panoramas japonezes, é flagrante. Ao desembocar-se no Algarve, o coração desopprime-se, e os pulmões, dilatando-se, respiram com delicia o ar em-balsamado e fresco que nos envolve de repente. S. Bartholomeu de Messines, branca de neve, é um sorriso amplo, a acolher quem chega.

Fiz a minha primeira viagem ao Algarve em fevereiro. Chovera todo o dia. Passado o tunel que estabelece a comunicação ferro-viaria entre as duas provincias, abandonada a estação de Messines, deitei a cabeça fóra da carruagem, a ver se o tempo mudára. Era noite alta. Fazia um luar delicioso. A escuridão pesada d'aquelle dia de inverno, succedera uma verdadeira apothose de sonho. Toda a terra estava branca—branca de luar,

que nunca meus olhos tinham visto outro mais claro, e branca de qualquer coisa que á primeira vista me pareceu um densissimo nevão. Afirmei-me mais. Procurei desvendar o misterio perturbador. Reconheci então que tinha cahido na terra das mouras encantadas, em plena festa da amendoeira, quando essa arvore esgrouviada, pequenina e timida, desafiando os ventos e as geadas, faz sahir de cada raminho debil uma grinalda infinitamente casta, feita de leite e de neve. Sobre o Algarve disse-hia que nevava durante uns poucos de dias. E a illusão perdurou por largo tempo: de Messines a Tunes,

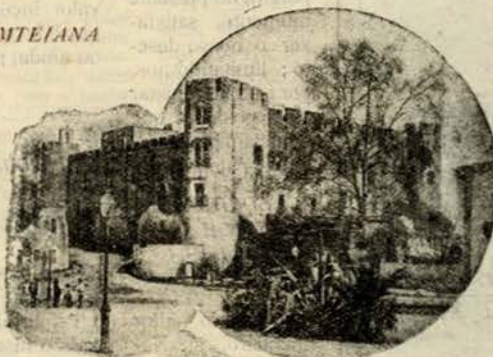


PRAIA ALGARVIA.

de Tunes a Portimão, e de Portimão a Lagos, que foi onde, n'essa encantada noite, terminou a minha viagem. O Algarve florido é qualquer coisa de infinitamente seductor, para que em meia duzia de linhas se possa dar uma idéa exacta de tão grande maravilha. Só no Japão deve haver maior apothose á flor, que canta e ri por toda a parte n'essa provincia riquissima, dissolvendo-se em bruma de encontro á luz que a dilue, luz tão fina e tão penetrante que não há pétala que lhe resista.

O Santo Ertevão, Burgau, Sagres Tavira, Villa Real de Santo Antonio, Faro, Silves, Portimão, Monchique, teem encantos muito seus, muito originaes, Tanto a fauna como a flora, denunciam-nos a maravilha do solo querido, a excellencia do clima da nossa incomparavel Terra.

No dia em que a essa provincia bella e aprazivel, que é o Algarve, nos ligarem comboios rapidos e commodos, ella será a mais visitada de Portugal, por ser a mais estranha, a mais diferente de todas as outras e aquella que não tendo neve, consegue todos annos, quando a primavera ainda vem longe, cobrir-se toda da branca flor da amendoeira, que é



ALVITO—CASTELO E JARDIM

para as arvores esguias e pequeninas como que um perfumado lençol de neve, que o sol não conseguiu fundir com o seu calor apaixonado e fe-cundo.

«Assim terminou Adelino Mendes o seu valiosissimo trabalho, que uma estrepitosa ovação coroou retumbantemente.»

«REVISTA DE TURISMO»

Não podemos deixar de constatar um facto que acaba de dar-se e que, se muito nos lisongeia pelo seu alto significado, serve-nos, tambem, para attenuar as agruras d'este nosso persistente labutar em prol da causa que esforçadamente defendemos, dando-nos alento para proseguir no espinhoso caminho que vimos trilhando, simplesmente animados pela idéa de cumprirmos, tanto quanto nos cabe, nosso dever patriótico.

O ultimo numero da «*Revista de Turismo*» esgotou-se por completo, tendo-nos visto obrigados a fazer uma nova edição, para satisfazermos aos nossos assignantes d'alem-mar.

Registamo-lo gostosamente, como uma prova exuberante do agrado com que o publico a tem acolhido.

A LINGUA PORTUGUEZA NO JAPÃO

DEVIDO á patriótica iniciativa do nosso representante em Tóquio, Sr. Dr. Cezar de Souza Mendes, foi o anno passado inaugurado um curso do idioma portuguez na Escola superior de Linguas Estrangeiras, d'aquella Capital.

Esta instituição é perfeitamente modelar e unica no seu genero; sendo o ensino dos idiomas estrangeiros ministrado theoreticamente por professores japonezes, e praticamente por professores das respectivas nacionalidades.

Para leccionar a cadeira pratica de portuguez na referida Escola, acaba de ser contractado, pelo Governo Imperial do Japão, o sr. João de Amaral Abrantes Pinto, agronomo diplomado pelo Instituto de Agronomia de Portugal e possuidor d'um espirito bastante culto.

E' com a maior satisfação que registamos esta noticia, certamente de maior jubilo para todos os portuguezes, porque ella vem constatar o apreço que, n'um tão longiquo Paiz, é dado á lingua portugueza, revelando, ainda, a consideração que distingue Portugal no extremo Oriente.

O MISTERIO

DA

LAGÔA DE MINDE E MIRA E SUAS CAVERNAS ADJACENTES

Continuado do n.º 15 (pag. 115)

ANTES de versar graves questões que pode suscitar ao turista este *Nyanza* do pequeno e misterioso Nilo portuguez, especialmente jurídicas, por mais interessantes aos districtos de Leiria e Santarem (concelhos de Porto de Mós e Alcanêna), intercalo as seguintes lembranças:

4. *Sét. 1915.*—Copiei, de madrugada, vocabulário manuscrito da gíria, (truncado por falta da letra A).—Creio acertei (depois de muitas voltas), com a *Lapa do Regatinho*, mas estava tapada. Nas grandes chuvas, tambem, ás vezes, jorra agua, por poucos dias. Depois de almoço, subi á empinada serra, auxiliado pelo guarda-sol, gastando cerca de duas horas, até á cota 483. Foi ascensão temeraria, quasi a prumo, cheia de zig-zags. Escorregadias as ervas e pedras soltas, bem podia rolar sem remissão de grande altura, perante gente apinhada no Largo da República.

Não consegui acertar com a *Lapa da Ovêlha*, onde creio se depara o *Lapis Judaicus*, de que o sr. Silva me ofertou amostra, que conservo. Ao contrário do que me tinham dito, não avistei viv'alma no tópo, (donde se logram extensos panoramas), afim de ir á de *Santo Antonio*. Por isso regresssei, cheio de sêde, por pessimo, pedregoso caminho. Andava Lourenço Coelho, de frente do correio, apanhando nozes.

No tópo da Serra de Minde

MEDITAÇÃO

No tópo n'um desta calcêrea serra,
Sem arvores, pastores, ou cabana,
Dos subornos isento é ancias da guerra,
Quão pobre, de dôr digna, a raça humana!

Se Marte empece as viagens no estrangeiro,
Aos turistas de cá digo é consolo,
Que é patriótico gastar dinheiro,
Vendo as belesas do paterno solo.

Jesus e Silva diz no *Mensageiro* (*)
Que de Moz no Concelho nasce o *Alviela*,
(Quanto aos *Lagartos* honra o acto fagueiro
De aos *Alfacinhas* refrescar a goelal)

De um serrano, que em estancia fontenária
De Lisboa o topou, assim reporta:

«Do torrão nosso essa água é originária.
«Você bem longe a bebe, tendo-a á porta!»

Muito ingrata, das *Aguas a Apanhia*,
Não cura donde as pérolas lhe vem,
Se chovem do districto de Leiria,
Se da circumscripção de Santarem.

Tão pouco se lhe dá que seja pura
A orige e a via do maná, O agoiro
De títos m' que importa? O que procura
E' ter as burras bem repletas de oiro.

Se a água é de Moz e Minde, e avara a bebe
Sem paga, há usurpação que causa pena. (*)
A' *Apanhia* mal vae-se o Liz percebe,
Que o *Alviela* é facil engordar ao Léna.

Como em Londres se faz, em cada predio
Agua por lotação, sem contadores.
O pobre povo os paga sem remedio
A mil avaros e cruéis senhores.

Ah! Quando houver governação christã,
Que obrigue tanto lucto a compensar,
A hygiene de Ulyssêa será sã,
Quanta água se *apanhou* ha que pagar.

(Um dos problemas máximos da Terra)
Timbraram em saber do Nilo a origem
O Egypto e a Grecia, Roma e a Inglaterra,
Em milênios de viagens que vertigem!

Mas com seus centuriões não logrou *Nero*
O *Ayanza* haver, que *Speke* descobriu;
Nem jámais suspeitou ser o *Kagero*
O afluente mais remoto do grão rio.

Dos Lusos o concurso não faltou;
Mas tiveram *Pars, Lobo*, (*) sorte equal.
Ha quatro see'los *Wyche* os trasladou,
Por prescrição da *Sociedade Real*.

A Hungara *Baker* ao marido assiste;
Se em vão a *Caput Nili Gordon* roga,
A *Livingstone, Stanley*, não resiste:
Hoje conhece-se o sistema *Kioga*. (*)

Ha turistas de génio em Portugal;
Farão mui bom serviço á patria bela,
Resolvendo o problema capital
Da origem misteriosa do Alviela.

(Continua)

ALFREDO ASSUR

(1) Periódico de Leiria n.º 71.

(2) Acerca dos principaes elementos de geologia para o descobrimento dos mananciaes aquáticos, vide *A Agua*, por D. Santiago Garcia de Mendoza, Porto, 1866, 272 pag., in-8.º Sob o ponto de vista juridico, *Italdi* (C) *Acque private Manuale Pratico*, 1910 e *Acque pubbliche*, Torino, 1911, 2 vol.; *Platti*, (E) *Sulla teoria della non demandata delle sorgenti e dei minori corsi d'acqua derivati, e sulla compet. della auticità giudiziaria* (1 vol., 1910); *Filangieri*, *Agua*, *Delle servitu legali sulle acque*, (1879); *Il Filangieri*, *Del diritto de acquedotto secondo il Cod. Civ. italiano* (1899, pp. 289 de 1889 e pg. 600 e 771 de 1879); *Teixeira de Abreu*, *Das Fontes e Nascentes*, na *Rev. de Estudos Juridicos*; *Teix. de Magalhães*, *Das correntes não naveg.* seg. o dir. civ. moderno, Coimbra, 1877, 2 vol.; *Journ. de dr. intern. prive*, T. 13, pg. 72, *Rev. de Leg. e Jur.* Da propiedad. das Aguas, Ano. 49, n.º 2032 e seg.

(3) Impressionante descripção da elevação do rio e sua passagem através do Lago Tsana.

(4) Ver. Hist. da descoberta da Origem do Nilo na *Encycl. Brit.* 11.ª ed. (public. pela Univ. de Cambridge) na palavra *Nile*.

BIBLIOGRAFIA

PORTUGAL
E OS PORTUGUEZES

JÁ está dito e redito que os portugueses não conhecem a sua terra e que todos nós e em toda a parte temos a pessima mania de dizer mal de tudo quanto é nosso, quando a verdade é que a este delicioso torrão só falta um pouco de carinho de seus filhos para ser um dos mais belos cantinhos do mundo. Poucos, bem poucos são entre nós os livros que nos falam do que é nosso e pouquíssimos ou nenhuns os que no estrangeira a nós se referem. A Europa desconhece-nos, o que não admira, visto que somos nós os primeiros a deprimir-nos, quer em familia, quer deante de estranhos. E como havemos de conhecer o nosso paiz, se nem sequer conhecemos a cidade em que vivemos e até a propria rua em que habitamos?

E', por isso, que qualquer iniciativa que tente tornar conhecida a nossa terra deve ser bem acolhida por todos porque vem prestar um alto, magnifico sereijo que é util encarecer.

Vem isto a proposito da publicação de um livrinho agora posto á venda, intitulado «Algarve» e que, sendo uma obra elementar, é, no entanto, um tra-

balho perfeito de divulgação, que oxalá tenha o acolhimento que merece, pois bem preciso é que livros d'estes andem nas mãos de toda a gente, entrem em toda a parte, nas escolas e nas familias, nas oficinas e nas bibliothecas, para que da sua leitura fique no espirito de toda a gente um pouco de lembrança da sua terra — que é a melhor maneira de despertar no coração de cada um de nós um pouco de amor por ela.

O pequeno volume dá-nos em sessenta e tantas paginas o Algarve em todos os seus aspectos, devendo constituir uma bibliotheca interessante á serie de livrinhos já anunciados sobre cada uma das provincias, pois certamente da sua publicação e divulgação alguma coisa resultará de util para todos e para o paiz em geral.

Tempo é de conhecermos a nossa terra, e estes livrinhos, além da sua utilidade immediata, outra podem ter — a de abrirem caminho a iniciativas de maior folego.

Bem sabemos que nos outros paizes se conta com inumeros elementos que nós não temos. Os francezes os inglezes, os italianos, etc., conhecem a sua terra, porque, a par de um espirito de previdencia que nos falta quasi em absoluto, podem percorrer a sua terra de norte a sul a preços baratissimos e com comodidades que, nem nos nossos caminhos de ferro, nem nos nossos hoteis se encontram ainda infelizmente.

Havemos de ter isso tudo, um dia. Mas enquanto ele não chega, que haja quem, como o editor dos «Livros do Povo», vá tomando Portugal conhecido dos portugueses, preparando assim o terreno para um conhecimento mais amplo, que o mesmo é dizer para um amor mais profundo e mais intimo.

Se outros beneficios não nos dessem os magnificos livrinhos, bastaria este para que a sua utilidade se accentuasse bem claramente.

(D'-O Seculo — da noite)

CONSULTAS

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hoteis a preferir, trajectos a precorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.

EM COIMBRA

Exposição de productos regionaes

SEGUNDO nos consta, pensa-se organizar em Coimbra uma exposição permanente dos productos regionaes, devendo para esse fim reunir-se brevemente, sob a presidencia do sr. Dr. Costa Lobo, a Comissão Central de Agricultura.

Oxalá essa idéa vá por deante, com o que muito terá a lucrar a linda cidade que o Mondego refresca com as suas aguas.

A «REVISTA DE TURISMO»
E A IMPRENSA

OS nossos prezados colegas, tanto de Lisboa como das provincias, continuam dirigindo-nos amaveis referencias, tendo até alguns transcripto artigos nossos sobre turismo.

Não podemos deixar de especialisar o que a nosso respeito escreveram o venerando *Jornal do Comercio e das Colonias* e o *Defensor*, das Caldas da Rainha, de que vamos inserir na integra as suas noticias:

Revista de Turismo — Com uma pontualidade digna de registo, pois em Portugal as revistas aparecem quasi sempre com atraso, sahii hontem o 15.º numero d'esta interessante *Revista*, que continua merecendo, como é de justiça, a melhor acceitação por parte de toda a gente que deseja o desenvolvimento do nosso paiz.

Basta o simples enunciado dos artigos que enaltecem este numero para se deprehender quanto interessante é o texto, devendo acrescentar-se que se vê, acompanhando a parte litteraria, gravuras nitidamente impressas.

Inutil nos parece repetir que sendo a *Revista de Turismo* composta e impressa no Centro Typographico Colonial, a sua execucao nada deixa a desejar, honrando assim o nome de uma das primeiras oficinas typographicas de Lisboa.

Revista de Turismo — «Vae-nos periodicamente animando com a sua visita esta bela revista da capital. Além d'um aspecto atraente contem belas secções sobre turismo, nas suas variadas ramificações, litteratura, etc. E' um jornal que abrimos com ancia, verdadeira antithese de muitos outros. Bem feita, belamente coordenada, a *Revista de Turismo* tem um logar de destaque em todas as casas de trabalho dos que vivem de idieas patrioticas. Não rasteja pelas banalidades em que a raça é fértil, e possui uma propriedade rara no nosso paiz — é util.»

A *Correspondencia da Covilhã* transcrevendo parte d'um artigo sobre *Paizagens Portuguezas* da auctoridade do nosso Redactor Principal, prestado-lhe a homenagem da sua admiração.

A todos endereçamos, pois, os nossos reconhecidos agradecimentos.